

História Geral da Igreja Católica

Dom Paulo Evaristo Arns

A História da Igreja não pode ser simples relato dos fatos que aconteceram na Igreja e muito menos a biografia de Bispos e Papas.

A Cada época deve recolher o que lhe inspira o período precedente e comparar os dados com o CRISTO propôs no seu Evangelho. Com esta dupla síntese; a Igreja enfrenta sempre novos períodos. Portanto, a HISTÓRIA DA IGREJA, além de conservar a memória dos homens cristãos e de seus feitos, é fonte de atividade e vida, incentivo e interpretação, para enfrentar desafios novos.

Para facilitar a compreensão da História, nós a dividiremos em QUATRO PERIODOS, cada um com características bem marcantes.

1. DOS SÉCULOS I a VII (do início até 600)

Foi a fase decisiva para a organização e o fortalecimento da Igreja. Naquele tempo, a cultura helenística (ou grega) dominava o Oriente próximo, como, por exemplo, Israel, Egito e Síria a de hoje.

No tempo apostólico, que compreende as duas primeiras gerações de cristãos, os doze apóstolos, junto com São Paulo, enchem o cenário.

Mesmo os escritos chamados apócrifos (isto é, não autênticos) também se referem a Jesus e seus primeiros discípulos.

Sem dúvida, um período denso de heroísmo e também de perseguições constantes. Os livros que descrevem a Igreja neste período falam sobretudo da Doutrina, culto, constituição e disciplina.

Nos primeiros tempos percebemos neles a influência da Igreja-mãe de Jerusalém e próprio judaísmo. Os estudos modernos insistem nos contatos com os essênios, uma espécie de ordem religiosa, que procura manter a força tradicional do judaísmo. Por causa do seu rigor, os essênios podem ter atraído São João Batista e influenciado os demais discípulos, para o que hoje se chama de Judeu-Cristianismo. Este, no entanto, é bem amplo, uma espécie de espírito a dominar a época da transição do judaísmo ao cristianismo.

Merecem especial destaque, nesta época, três livros: a DIDAQUÊ, ou Doutrina dos Apóstolos, pequeno manual de pastoral; as sete CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, testemunhos da Igreja organizada e sustentada na Hierarquia; e a EPÍSTOLA DE SÃO CLEMENTE DE ROMA, sintetizando valores judaicos e helênicos para os novos tempos.

Os dois últimos escritos também são lembrados para provar o primado do Bispo de Roma e a organização completa da Igreja.

Desde o começo, existem cristãos que se separam. Serão chamados, no futuro, de heréticos ou cismáticos, ou porque negam alguma doutrina, ou porque não aceitam a grande Igreja. Charles Peguy, autor moderno da França, muito interessado na evolução da História, afirmou, uma vez: "Tudo se inicia como mística e termina em política". Divisão causando feridas e provocando escândalos.

Os desvios do II século brotarão de corrente mística chamada "Gnosticismo". Doutrinas antigas e novas, que se misturam com revelações e exaltações pessoais. A Igreja prefere o caminho da sobriedade, mantendo porém alguns valores surgidos nas profundezas do tempo.

Aparece neste II século a Lista Oficial dos Livros da Sagrada Escritura, que recebem o nome de CÂNON, porque serão normas de fé. Para provar sua autenticidade como Igreja de Cristo, volta-se ela para a Tradição Apostólica e até para a sucessão dos Apóstolos.

Neste ponto, têm valor inestimável os escritos de Santo Irineu de Lião e São Justino e os autores chamados Apologetas, que se esforçam por provar que a Igreja não é estranha a História e à evolução da cultura filosófica.

Já na metade do II Século, os Bispos se reúnem em assembléias maiores, chamadas SÍNODOS, para enfrentarem os movimentos doutrinários estranhos e as tentativas separatistas.

Quanto mais alastrada a falsa doutrina, mais amplo o Sínodo. Só no IV século teremos o Primeiro Sínodo Universal, chamado CONCÍLIO ECUMÊNICO DE NICENA (no ano 325).

Mas, antes dele, aparecem grandes escritores Oriente. Entre eles, Clemente de Alexandria, que tenta a síntese entre a cultura grega e o cristianismo elaborando uma pedagogia humana e cristã. Entre todos, destaca-se Orígenes. Apesar de alguns erros, um dos maiores gênios cristãos de todos os tempos. Dono da mais vasta cultura que se possa imaginar, estabelece as regras de conservação e interpretação da Bíblia e lança os fundamentos da reflexão cristã para os próximos séculos. Os escritores Latinos de maior fôlego, como Tertuliano e Cipriano, foram mais práticos e se ocuparam das virtudes cristãs, das estruturas eclesiais e da educação cristã.

Realizou-se, pela Igreja, o que Cristo havia prometido: o Fermento acabou por penetrar em toda a massa imensa do Império Romano e aí estabeleceu os germes fortes da Civilização do Amor. Não foi, porém, aceito sem contestação. "Como me perseguiram a mim, também a vós hão de perseguir". Isso valeu para os Apóstolos, mas também para as novas gerações de cristãos. Os Mártires, que regaram com o seu sangue quase todas as áreas do domínio absoluto dos romanos, foram sementes de novos cristãos.

A palavra MÁRTIR tem o seu equivalente no termo TESTEMUNHA, do português. Esse testemunho foi recolhido em escritos e em tradições orais, para reanimar as novas gerações. Os motivos das perseguições foram os mesmos que levaram Cristo à Cruz. Os cristãos eram chamados de subversivos. De fato, não queriam outra coisa, senão levar a mensagem e o amor da Pessoa de Cristo até o coração das pessoas e da Sociedade. Servirão de exemplo e estímulo para gerações futuras.

Em meio às perseguições mais cruentas, já nasciam os sucessores dos mártires, os MONGES. Para preservarem a autenticidade do seu testemunho, homens e mulheres se separavam dos demais e levavam vida austera, em meio à oração e aos trabalhos manuais de sustentação. Protesto radical contra o consumismo do tempo, é verdade, mas também luta perseverante em favor da vida radicalmente evangélica.

Uns monges viviam inteiramente isolados da humanidade: os ANACORETAS. Em torno de diversos deles formaram-se lendas. Suas lutas

contra o comodismo e as forças do mal atraíram imitadores e povo. Santo Antão, São Paulo, chegaram a ser símbolos de um tempo. Outros formaram COMUNIDADES de orantes e penitentes: os CENOBITAS.

Com a vinda de jovens doutos e sábios, prepara o cenobitismo verdadeiras escolas de espiritualidade e inicia a tradição teológica dos mosteiros. No seu apogeu, foi a melhor escola de Bispos e Pastores da época. Também os mestres da nova organização social cristã.

Basta lembrar nomes como os de Pacômio, Basílio e Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo. No Ocidente, melhor na Itália, São Bento será o Mestre consumado e Pai do monaquismo que chegou até nós.

Quando aparecer o primeiro Imperador que reconhece na prática a força dos cristãos, Constantino Magno. (313), os cristãos enriquecidos de mártires, teólogos, ascetas e grandes pastores constituirão os 10% da população mais ativa do mundo então conhecido. Também em época posterior haverá perseguições sangrentas e outras, mais políticas e sutis.

Os séculos IV e V ficaram marcados para sempre na História da Igreja, por escritores de primeira plana, tanto no Oriente como no Ocidente. Verdadeira literatura cristã, fonte de pesquisas em todos os séculos, modelos de renovação, vida e verdade. São os assim chamados PADRES DA IGREJA.

Aqui deixamos apenas consignados os nomes dos gênios, como de Agostinho e Jerônimo no Ocidente. Ocidente, por que escreveram em latim, vivendo um na África do Norte e o outro parte na Itália, parte na Palestina. Abarcaram e dominaram praticamente todos os assuntos que explodiriam nos séculos futuros, como desafio ao gênio cristão.

Os escritores cristãos de língua grega foram ainda mais profundos, porque provinham de uma cultura que domina o pensamento humano até os dias de hoje. Além disso, eram místicos e filósofos. Alguns deles também extremamente práticos quando abordavam os problemas de estruturas injustas e da repartição desigual dos bens necessários aos homens.

Se nos pedirem alguns nomes, citaremos São Basílio Magno e seu amigo São Gregório Nazianzeno. Também lembramos Gregório de Nissa e sobretudo São João Crisóstomo. Mas não se pode esquecer Cirilo de Alexandria e Santo Atanásio, anterior a ele.

Os fatos que mais influenciaram a História daqueles tempos e do nosso são os sete primeiros CONCÍLIOS ECUMÊNICOS. Embora reunissem normalmente só os Pastores das Igrejas, foram influenciados e por sua vez influenciaram a vida civil e religiosa. Apaixonavam o povo mais Simples, não só porque as figuras dos Bispos eram muito populares. Mas igualmente porque os assuntos envolviam o cerne mesmo e o coração da Igreja: a Divindade de Cristo; a Trindade Santa; Maria, Mãe de Deus; a Autoridade da Igreja e outros.

No mesmo período deu-se também a maior revolução da História da antiguidade, chamada INVASÃO DOS BÁRBAROS (seria melhor dizer: MIGRAÇÃO DE POVOS): o encontro dos povos de cultura primitiva, os germanos, com o Império Greco-Romano de pensamento e costumes mais sofisticados. Na hora em que Cristianismo parecia submergir, renasceu das cinzas.

Nesta época também surgiu o movimento missionário renovador, a partir da intuição e da fibra do Papa Gregório Magno e dos monges da Irlanda. Anuncia-se, desta forma, o período cristão medieval, que desloca o centro de interesse de Roma para a Europa central.

Também as estruturas da Igreja se confirmam, não só pela legislação, mas igualmente pelo gênio dos Papas, como Leão e Gregório Magno, por exemplo. A Igreja, naquele tempo sofreu igualmente a maior de suas tentações: A DE NAVEGAR NAS ÁGUAS DO PODER CIVIL. De adaptar-se aos costumes e as veleidades das cortes. De confiar mais no poder do que na sua autoridade interna.

No fim deste período, afinal, inicia-se um movimento de divisão na História, que se projetará sobre os próximos milênios. MAOMÉ, que criou vigorosa corrente religiosa, com grandes valores éticos e sociais, baseando-se em parte na Bíblia, mas sobretudo em suas revelações. Inicia

a corrente histórica dos MUÇULMANOS, que infelizmente separou a humanidade, tirando-lhe o germe precioso da unidade cristã.

2. DOS ANOS 700 a 1300

Desenvolveu-se o germe do período anterior. A era missionária, iniciada na antiguidade e continuada por Columbano, Bonifácio e outros, trará modificações substanciais entre os povos anglo-saxões. Estes dominarão a História por séculos.

A aliança da dinastia dos Pepinos com o Papado, sobretudo a coroação de Carlos Magno (ano 800), ocasionou uma espécie de comunidade ocidental. União dos germanos com o cristianismo. Nova face da Igreja. Também simbiose (união) entre Império e Estado. Chegam a desaparecer as fronteiras entre ambos. Mas origina-se também, daí, a luta entre o Império e o Sacerdócio.

Qual seria a relação entre os dois poderes: o CIVIL a e o RELIGIOSO? Esta questão deixará marcas para muitos séculos. Até para o nosso.

No Oriente conhecido, também se tenta o encontro entre a cultura Bizantina e a Islâmica. Surge até nova aurora para a filosofia e a teologia. Esta acabará por definir-se dentro de uma corrente que chamamos hoje de ESCOLÁSTICA. Lá pelos anos de 1200 apareceram de fato as ESCOLAS TEOLÓGICAS, começando pela primeira Universidade, que é a de Paris. Outras foram surgindo, em cidades então muito ativas, como Bolonha, Pádua, Oxford, Cambridge e Salamanca. Mais ao Norte, já no século XIV, virão as escolas de Praga, Viena, Heidelberg e Colônia. Foi um florescimento da cultura religiosa nunca visto. Elaboração de gênios como Alexandre Magno, Alexandre de Bales, Santo Tomás, Duns Escoto, São Boaventura e outros, de primeira grandeza.

No entanto, não existe período de profunda e ampla cultura, sem notas dissonantes e contestadoras. As Heresias dos Cátaros e Valdenses provocaram emoções, concentrações e divisões entre os cristãos.

O Papado teve momentos de grandeza. Também de humilhações como em todos os períodos da História. A Igreja viu-se reformada de dentro para fora. Com os movimentos de Beneditinos, a partir de Cluny (ano 920) e de outras famílias religiosas, que trouxeram de volta a austeridade e a sabedoria dos antigos monges.

Nenhuma renovação, no entanto, teve a força de um São Francisco de Assis e São Domingos (lá pelo ano 1200), que atingiram a Igreja toda. Baseados no Evangelho e levando à prática a mensagem da encarnação, morte e ressurreição de Cristo, tocaram a fibra do povo e lhe deram a marca da autenticidade cristã. Ninguém fugia a seus apelos, nem Pastores da Igreja, nem príncipes do mundo. A partir deles, os religiosos se sentem indefectivelmente ligados ao povo e à História.

Dois fatos marcarão o futuro da Igreja: o primeiro é o Cisma, ou seja, a separação do Oriente, que aconteceu no ano de 1054 (surgindo a Igreja Ortodoxa). O outro é o das Cruzadas, sobretudo a quarta, que queria estabelecer o Império Latino de Constantinopla (as Cruzadas se deram entre 1096 e 1200).

A separação do Oriente tem o seu germe em rivalidades bem antigas, desdobra-se depois numa luta para conservar as imagens ou para destruí-las e chega ao auge nas discussões doutrinárias sobre a Santíssima Trindade e a questão do primado do Papa.

As Cruzadas, que queriam resgatar a Terra Santa de Jesus, acabaram por exaurir as forças do Ocidente e a estabelecer muros quase intransponíveis entre os dois mundos de então.

Um período de grandezas e de fracassos em todos os planos.

3. DOS ANOS 1300 a 1750

Este período pode ser caracterizado pela dissolução do mundo cristão e ocidental. Pode, igualmente, ser considerado o tempo da Igreja sem fronteiras.

As rivalidades e as contradições internas provocaram que o Império e o Papado não serão, para o futuro, solução única para a ordem no mundo.

A Europa, de fato, perderá a unidade. O Papado será despojado de seu poderio unificador. Bonifácio VIII (Papa de 1294 a 1303) ainda chega a afirmar a primazia sobre o Estado Nacional da França. Mas será preso por Felipe, o Belo.

Segue o tempo do exílio dos Papas, em Avignon, na França (de 1309 a 1378): período confuso e desnorteante para os fiéis. Declínio último do poder temporal dos Papas.

Infelizmente, hora trágica, do grande Cisma do Ocidente. Por iniciativa sobretudo de Lutero (no ano de 1517), Calvino e Zwinglio, a comunidade cristã se divide, para prejuízo de todos. Séculos e séculos sofrerá dolorosamente pela separação de grandes famílias.

Começam a aparecer agora os Estados, como os da França, Inglaterra e Espanha. Também os principados católicos e protestantes na Alemanha.

Para sociólogos e economistas, surge o que eles chamam de CAPITALISMO PRECURSOR, ou seja, a economia baseada no valor do DINHEIRO.

Os Historiadores, por sua vez, acentuam que o Humanismo entrou no lugar da Teologia. O Homem, libertado de Deus, procura sua expressão a partir das concepções antigas, anteriores ao cristianismo.

E OS CRISTÃOS? O POVO SIMPLES? Não sabem nem mais quem é o verdadeiro Papa da sua Igreja. Nesta hora, alguns líderes cristãos quiseram até pôr os Concílios acima do Papa, e já não mais unidos a ele. Chegara a hora de uma REFORMA “na cabeça e nos membros”, como se dizia no século XV. O pior é que tudo isso deveria realizar-se entre ataques de protestantes e católicos e entre guerras religiosas dos séculos XVI e XVII.

A igreja Católica custou a encontrar o caminho da renovação. Mas o encontrou, pelos santos, pela fidelidade dos simples, em parte pelo Concílio de Trento (que durou de 1545 até 1563). O mérito principal

precisa ser atribuído aos Santos e às novas Ordens religiosas, como a dos Jesuítas e dos Capuchinhos.

Tudo rejuvenesceu, desde o gosto pela piedade, arte e teologia, até a concepção cristã da vida e das missões. Aí estão místicos, como Santa Tereza de Ávila, São Pedro de Alcântara e São João da Cruz. Escolas de piedade, como a escola francesa.

Toda esta renovação também provocou onda antieclesial e anticlerical.

A Igreja, nesta época, pelo seu fervor e generosidade, podia ter se estendido até a Índia e a China. Os Jesuítas, por exemplo, aí criaram condições bem promissoras. Faltou-lhes, porém, o apoio. Nos centros de decisão, falhou a visão histórica, a generosidade e a abertura para com os costumes e a História tão rica desses povos.

A AMÉRICA LATINA e o BRASIL entraram na História sem poder assumi-la pelos seus próprios povos e pelas suas virtualidades novas. Sentiram-se mais como apêndice, ou como colônia. Sem feição própria e sem perspectivas de autonomia. Mesmo assim, houve grandes rasgos de generosidade entre missionários e leigos, com tentativas de criar novo tipo de civilização.

4. DOS ANOS 1750 a 1980

A IGREJA UNIVERSAL E A ERA INDUSTRIAL. Contentamo-nos aqui em indicar apenas os pontos que vão deixar a marca mais profunda em nosso tempo.

A REVOLUÇÃO FRANCESA (1789) é o marco divisor. Preparada pela época anterior, levou a humanidade a uma espécie de ESTACA ZERO. Começam as diversas correntes de construção, mas também de divisão da humanidade. Diríamos até de exploração do povo simples, pelo Liberalismo, Socialismo, Marxismo e Comunismo. Provocam eles novo tipo de crença no progresso. Sem Deus e sem a Igreja.

As massas populares sentem-se abandonadas e deixam a Igreja. No entanto, também se organizam as forças do interior dela, para encontrarem nova firmeza e nova expressão. Os TRADICIONALISTAS, nesta hora, dão muito trabalho, sobretudo os integristas.

E os INTELECTUAIS? Em lugar da Teologia, é a Filosofia e a Literatura que dominam o ambiente. As duas hão de demorar a encontrar-se, é verdade.

Nesta época, o Papado é a grande luz da Igreja e da História. Desde Leão XIII (que foi Papa de 1878 até 1903) até João Paulo II (eleito Papa em 1978), podemos dizer que eles não são apenas a alma da Igreja, mas do mundo.

Ao perderem o domínio temporal, ou seja, os Territórios Pontifícios, pareciam prisioneiros do Vaticano. E foi então que o mundo lhes reconheceu a autoridade moral.

Surgiram nesses dois séculos inúmeras organizações católicas, desde as Congregações Religiosas até os, Movimentos Leigos e a AÇÃO CATÓLICA.

Os dois Concílios, Vaticano I e Vaticano II, devem ser considerados como unidade. O Concílio Vaticano I definiu a INFALIBILIDADE e o PRIMADO DO PAPA, e o Concílio Vaticano II ampliou o conceito do COLÉGIO DOS BISPOS UNIDOS AO PAPA, trazendo ainda à tona a grande mensagem da Igreja para os tempos novos.

No BRASIL, a Igreja vinculada ao Estado se desligou muito do povo. A maçonaria e as correntes liberais acenderam a questão religiosa e diminui-se a ação das Ordens e Congregações.

Ao mesmo tempo, fortaleceram-se as CONFRARIAS de Leigos e a Religiosidade Popular. A História preparava o caldo para uma Igreja nova, portadora de esperanças. Estas Esperanças surgiram, como sempre, da CRUZ.

Na hora em que separaram a Igreja do Estado, lhe deram condições de ter consciência de si mesma e de cumprir a sua MISSÃO junto ao povo e pelo povo.

Os missionários, vindos de todos os países da Europa ao Brasil, como a América Latina, tiveram em geral compreensão para tanto.

Também os grandes Pastores, Bispos e Padres, conservaram a fidelidade à Igreja Universal e prepararam as possibilidades da encarnação no mundo novo.

Se as tragédias do genocídio dos índios e de todas as formas de colonialismo e arbitrariedades não se apagam de nossa História, é dentro delas que se forja este povo que hoje procura soluções originais à base do Evangelho e do gênio brasileiro.

As reuniões de Medellín (1968), Puebla (1979), como também a dos Bispos de nosso País, abrem perspectivas de participação e comunhão nunca vistos em épocas anteriores. Também para o BRASIL, a História da Igreja deve ser o caminho da libertação e salvação do povo.

(Este texto foi extraído do livro: “O QUE É IGREJA?”, Coleção Primeiros Passos, nº 32, da Editora Brasiliense - São Paulo - 1981. Pág. 106 – 121)